

Deputada abandona eleitores do DF

Diamantina (MG) — “Brasília foi uma mudança passageira para atender Tancredo Neves”. Assim a deputada Márcia Kubitschek justificou por que deixará os seus eleitores do Distrito Federal, mudando seu domicílio eleitoral para Minas.

Tancredo, informou ela, queria que um nome de peso nacional integrasse a primeira bancada legislativa do DF. “Ele me pediu por favor, dizendo que isso seria importante para Brasília. Mas eu sempre votei em Minas”, afirmou.

Márcia Kubitschek centralizou todas as atenções na recém-asfaltada pista de pouso de Diamantina, enquanto aguardava o desembarque do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, a quem aderiu. A falta de teto, porém, obrigou Collor a desembarcar em Belo Horizonte, fazendo de carro os 280 quilômetros até a cidade onde nasceu Juscelino Kubitschek, e o comício marcado para as 20h só começou perto das 23h.

A deputada negou que tenha em algum momento enfrentado a oposição da sua mãe por abandonar a candidatura de Ulysses Guimarães, do seu partido (PMDB). Ela citou como textual a afirmação de que “independentemente do PMDB ou do Collor, estou com a minha filha. Onde ela

estiver, eu estarei junto”, dita por dona Sarah Kubitschek.

Também assegurou que em nenhum momento pensou em deixar o PMDB, nem acha que seu apoio a Collor torne-a uma dissidente. “Não sou dissidente coisa nenhuma. Apenas estou apoiando o candidato que acho melhor”. Márcia protestou, antecipadamente, contra qualquer provocação que venha a ser feita em clima da sua fidelidade partidária, argumentando que o candidato a vice-presidente da República do PMDB, o ex-governador da Bahia, Waldir Pires, apoiou o candidato do PSDB para prefeito de Salvador. O deputado Virgildásio de Senna, ainda assim, perdeu a eleição”.

Márcia diz ver na adesão a Fernando Collor a única forma de afastar o Brasil do abismo. “*u sempre achei que o País era muito grande para correr este risco, mas a coisa está pior do que parece”, disse, acrescentando que o candidato do PRN “tem energia, juventude e vontade para mudar a situação”.

“Isso é mais importante do que qualquer outro tipo de consideração. Não é hora de ficar brigando dentro do partido”, completou. A deputada comparou sua atitude a um “parto doloroso” pelas pressões que recebeu e por mudar todo o seu rumo na sucessão presi-

dencial.

Márcia tem evitado atribuir o espólio político de JK a Fernando Collor, alegando que não vai se prender a esse tipo de comparação: “Ninguém é comparável a ninguém. Juscelino era Juscelino e Fernando Collor é ele mesmo”.

COMITIVA

O frio de 12 graus não impediu que muitos dos **colloridos** de Diamantina aguardassem o avião do candidato — que acabou não chegando. O prefeito da cidade, João Antunes de Oliveira (PMDB), era uma das poucas exceções entre os novos adeptos do PRN. Dizia que estava ali como anfitrião, da mesma forma como recepcionou no mês passado o candidato do PL, Afif Domingos. Ele reconhece em Ulysses Guimarães o nome que se encaixa melhor ao estilo de JK, mas só pretende trabalhar para o candidato do PMDB depois de receber orientação do governador Newton Cardoso.

Um primo de JK, Geraldo Lacerda de Oliveira, ex-presidente da Câmara de Vereadores, tentou explicar porque deixou o PMDB para **collorir**: “Collor é igual à febre espanhola que pegou em todos os brasileiros. Se continuar no mesmo ritmo, vai ganhar no primeiro turno”.